

**PET Indígena**

24 de maio de 2020 · 🌐



Estamos divulgando uma série de relatos, produzidos pelos integrantes do PET-Indígena, sobre como a pandemia tem afetado sua vida e a de sua família. Leia, reflita, compartilhe. É importante escutar diferentes vozes. Hoje é o dia de Maiara laparrá Muré, do povo Palikur-Arukwayene. [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)

“Me chamo Maiara laparrá Muré, tenho 26 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, moro em Oiapoque, no Amapá. Sou aluna do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP. Antes da pandemia eu estava contente, tinha sido selecionada para integrar o Programa de Educação Tutorial (PET) e eu estava com muitas expectativas, pois nossa tutora tinha montado uma agenda cheia de trabalhos para realizarmos durante o período de março. Também tinha minha agenda pessoal: viajar para a Aldeia Kumenê, onde eu iria iniciar pesquisas relacionadas ao meu TCC, além de visitar minha família. Era março, início do ano letivo nas escolas do Oiapoque, minhas irmãs estavam contentes para o início das aulas e meus filhos iriam para a escola pela primeira vez. Com a chegada do COVID-19 tudo mudou! Eu não sabia da propagação dessa doença e de tudo que estava acontecendo no mundo. Somente quando assisti o noticiário local, falando do primeiro caso no Amapá, é que comecei a entender... Logo recebemos uma mensagem da nossa professora para uma reunião do PET. Ela falou do vírus, de como a doença estava tirando a vida de pessoas no mundo todo e da preocupação em relação a nós, indígenas. Nesse dia toda nossa agenda de atividades ficou suspensa. Fiquei em choque pois ali eu me dei conta de tudo o que estava acontecendo. É preocupante um vírus desconhecido, não tem tratamento, cientistas no mundo inteiro estudam como o vírus ataca e se alastra, todos buscando uma vacina, uma cura. É tudo muito perturbador... assistimos os jornais e vemos a doença chegar cada vez mais perto... Minha mãe lembrou de como meus avós faziam quando surgia alguma doença. Ela relatou que quando eram pequenos, todas as vezes que surgia alguma doença meus avós pegavam suas canoas, suas bagagens, embarcavam toda a família e partiam. Meu avô sempre escolhia uma ilha bem distante, longe da aldeia. Ele dizia que o isolamento era o melhor remédio e ali permanciam durante meses, até tudo acabar. Depois retornavam para a aldeia, ninguém adoecia. De imediato minha mãe disse que nós todos iríamos nos isolar, sem ter contato, para não pegarmos a doença. Durante este período de isolamento muita coisa mudou, os familiares de perto ficaram longe... Sempre que nossos parentes se deslocavam da aldeia para a cidade de Oiapoque nos traziam frutas, farinha e peixes, passavam, geralmente, dois dias. Nesses momentos colocavam as conversas em dia, sempre contavam histórias antigas e relebravam momentos vividos, quando meus avós ainda eram vivos. Hoje, a comunicação é só por whatsapp, isso quando há internet. Não podemos ter contato diretamente, o medo de transmitir o vírus é grande, e de que chegue a aldeia é maior ainda. Sempre comento com meus irmãos que, um dia, nossos filhos vão ouvir relatos sobre o ano de 2020, o ano em que o mundo parou. Com a chegada do Covid muitos parentes que moram na cidade de Oiapoque deixaram suas casas e partiram para se isolar em suas aldeias, mas suas casas estão sendo invadidas, seus pertences roubados. Essa é mais uma problemática dos indígenas... Comecei a assistir ao noticiário todas as noites e tinha noites que

nem dormia, aquelas notícias me assombravam. Hoje, só penso em nos manter afastados de todos os parentes, amigos, vizinhos... como forma de proteger minha família e a dos próximos também."

Oiapoque, Amapá, Brasil – 24 de maio de 2020.

Je m'appelle Maiara laparrá Muré, j'ai 26 ans, je suis indigène du peuple PalikurArukwayene, j'habite à Oiapoque, Amapá. Je suis étudiante au cours de licence interculturel indigène à l'UNIFAP. Avant la pandémie, j'étais heureuse, j'avais été sélectionnée pour faire partie du programme éducation Tutorial (PET) et j'avais beaucoup d'attentes, parce que notre tutrice nous avait préparé un agenda chargé de travail à réaliser pendant la période de mars. J'avais aussi mon agenda personnel : voyager au village Kumênê, où je commencerais des recherches liées à mon travail de conclusion du cours (TCC), en plus de rendre visite à ma famille. C'était en mars, le début de l'année scolaire dans les écoles d'Oiapoque, mes sœurs étaient heureuses pour le commencement des classes et mes enfants allaient à l'école pour la première fois. Avec l'arrivée de COVID-19, tout a changé ! Je n'étais pas au courant de la propagation de cette maladie et de tout ce qui se passait dans le monde. Ce n'est que lorsque j'ai regardé les actualités locales, parlant du premier cas à Amapá, que j'ai commencé à comprendre ... Bientôt, nous avons reçu un message de notre professeur pour une réunion du PET. Elle a parlé du virus, de la façon dont la maladie a coûté la vie à des gens partout dans le monde et de la préoccupation en relation à nous, les indigènes. Ce jour-là, tout notre agenda des activités a été suspendu. C'est inquiétant, un virus inconnu il n'a pas de traitement, les scientifiques du monde entier étudient comment le virus attaque et se propage, tous à la recherche d'un vaccin, d'un remède. Tout cela est très inquiétant ... nous regardons les journaux et voyons la maladie se rapprocher de plus en plus ... Ma mère se souvenait de la façon dont mes grands-parents faisaient quand il y avait une maladie. Elle a rapporté que quand ils étaient petits, chaque fois qu'une maladie se déclarait, mes grands-parents prenaient leurs canoës, leurs bagages, embarquaient toute la famille et partaient. Mon grand-père a toujours choisi une île bien distante, loin du village. Il a dit que l'isolement était le meilleur remède et qu'ils y sont restés pendant des mois, jusqu'à ce que tout soit fini. Puis ils retournaient au village, personne n'est tombé malade. Immédiatement, ma mère a dit que nous allions tous nous isoler, sans avoir contact, pour ne pas attraper la maladie. Durant cette période d'isolement, beaucoup de choses ont changé, des parents proches sont restés à l'écart ... Chaque fois que nos parents ont déménagé du village à la ville d'Oiapoque, ils nous ont apporté des fruits, de la farine et du poisson, passaient généralement deux jours. Dans ces moments-là, ils ont gardé les conversations à jour, ont toujours raconté des histoires anciennes et se sont souvenus des moments vécus, quand mes grands-parents étaient encore en vie. Aujourd'hui, la communication se fait uniquement par WhatsApp, lorsqu'il y a Internet. Nous ne pouvons pas avoir de contact direct, la peur de transmettre le virus est grande, et son arrivée au village est encore plus grande. Je dis toujours à mes frères qu'un jour nos enfants entendront des reportages sur l'année 2020, l'année où le monde s'est arrêté. Avec l'arrivée de la Covid, de nombreux parents qui vivent dans la ville d'Oiapoque ont quitté leurs maisons et sont partis s'isoler dans leurs villages, mais leurs maisons sont envahies, leurs biens volés. C'est plus un problème pour les indigènes ... J'ai commencé à regarder les nouvelles tous les soirs et il y avait

des nuits où je ne dormais même pas, ces nouvelles me hantaient. Aujourd'hui, je ne pense qu'à nous tenir à l'écart de tous nos proches, amis, voisins ... comme un moyen de protéger ma famille et celle des autres. »

Oiapoque, Amapá, Brésil - 24 mai 2020.

Traduit par Darleine Esther Joseph

'My name is Maiara laparrá Muré, I am 26 years old, I come from indigenous of the Palikur-Arukwayene people, I live in Oiapoque, Amapá. I am a student of Bachelor degree in the Indigenous Intercultural Course at UNIFAP. Before the pandemic I was happy, I had been selected to be part of the Tutorial Education Program (PET) and I had many expectations, as our tutor had put together a busy schedule for us to carry out during the period of March.

I also had my personal agenda: traveling to Aldeia Kumenê, where I would start research related to my thesis, in addition to visiting my family. It was March, the beginning of the school year at Oiapoque schools, my sisters were happy to start classes and my children were going to school for the first time. With the arrival of COVID-19 everything changed! I was unaware of the spread of this disease and everything that was happening in the world. Only when I watched the local news, talking about the first case in Amapá, did I start to understand ...

Soon we received a message from our teacher for a PET meeting. She talked about the virus, how the disease was taking the lives of people around the world and the concern about us, the indigenous people. On that day our entire activity schedule was suspended. I was in shock because right there, at that precise moment I realized of what was happening. An unknown virus is very worrying, there is no treatment, scientists worldwide study how the virus attacks and spreads, all looking for a vaccine, a cure. It is all very disturbing ... we watch the newspapers and see the disease is getting closer and closer ...

My mother remembered what my grandparents did, when there was an illness. She reported that when they were little, whenever a disease arose, my grandparents would take their canoes, their luggage, board the whole family and leave. My grandfather always chose an island far away, far from the village. He said that isolation was the best medicine and they stayed there for months, until it was over. Then they returned to the village and nobody got sick. My mother immediately said that we were all going to isolate ourselves, without contact, so we wouldn't get the disease.

During this period of isolation, many things changed, close relatives stayed away ... Whenever our relatives were traveling from the village to the city of Oiapoque, they brought us fruit, flour and fish, usually two days would have passed. In those moments, they were exchanging news during conversations, always telling old stories and remembering moments, when my grandparents were still alive.

Today, communication is only via WhatsApp, when internet is available. We cannot have direct, in person, contact, the fear of transmitting the virus is too great, and that it will reach our village, is even greater. I always comment with my brothers that, one day, our children will hear reports about the year 2020, the year the world stopped. With the arrival of Covid many relatives who lived in the city of Oiapoque left their homes and left to isolate themselves in their villages, but their homes are being invaded, their belongings stolen. This is more of a problem for the indigenous people ... I started watching the news every night and there were nights I

didn't even sleep, those news haunted me. Today, I only think about keeping ourselves away from all relatives, friends, neighbors ... as a way to protect my family and the others too."

Oiapoque, Amapá, Brasil – 24 Oct 2020.

Translated by Jakub Przychodzeń

'Me llamo Maiara laparrá Muré, tengo 26 años, soy una indígena del pueblo Palikur-Arukwayene, vivo en Oiapoque en Amapá. Soy alumna del curso de Licenciatura Intercultural Indígena de la UNIFAP.

Antes de la pandemia yo estaba contenta, había sido seleccionada para formar parte del Programa de Educación Tutorial(PET) y yo estaba con muchas expectativas, pues nuestra tutora había montado una agenda llena de trabajos que realizar durante el mes de marzo.

También tenía mi agenda personal: viajar a la aldea Kumenê, donde iniciaría investigaciones relacionadas con mi Trabajo de Conclusión del Curso(TCC), a parte de visitar a mi familia.

Era marzo inicio del año lectivo en las escuelas de Oiapoque, mis hermanas estaban contentas para el inicio de las clases y mis hijos irían a la escuela por primera vez. Yo no sabía de la propagación de esa enfermedad y de todo lo que estaba ocurriendo en el mundo. Solamente cuando vi el telediario local, hablando del primer caso en Amapá y comencé a entender.

Luego recibimos un mensaje de nuestra profesora para una reunión del PET(Programa de la Educación Tutorial). Ella habló del virus, de como la enfermedad estaba sacando la vida de personas en todo el mundo y de la preocupación en relación a nosotros los indígenas.

En ese día toda nuestra agenda de actividades se suspendió. Quedé en chock pues allí me dí cuenta de todo lo que estaba ocurriendo. Es preocupante un virus desconocido, no tiene tratamiento, científicos en el mundo entero estudian como el virus ataca y se propaga, todos buscando una vacuna y una curva.

Todo es muy perturbador... miramos los periódicos y vemos la enfermedad llegar cada vez más cerca... Mi madre recordó de como mis abuelos hacían cuando surgía alguna enfermedad. Ella contó que cuando eran pequeños, todas las veces que surgía alguna enfermedad mis abuelos cojian sus canoas, sus equipajes, embarcaban a toda la familia y partían.

Mi abuelo siempre escogía una isla bien distante, lejos de la aldea. Él decía que el aislamiento era mejor remedio y allí permanecían durante meses, hasta que todo acabe. Después volvían a la aldea, ninguno se enfermaba. De inmediato mi madre dijo que todos nosotros nos iríamos aislar, sin tener contacto para que no cojamos la enfermedad.

Durante este periodo de aislamiento muchas cosas cambiaron, los familiares cercanos se alejaron. Siempre que nuestros parientes se trasladaban de la aldea hacia la ciudad de Oiapoque nos traían frutas, harina y peces, pasaban generalmente dos días. En esos momentos se conversaba, siempre contaban historias antiguas y recordaban los momentos vividos, cuando mis abuelos aún estaban vivos. Hoy la comunicación es sólo por WhatsApp, eso cuando hay Internet. No podemos tener contacto directo, el miedo de transmitir el virus es grande y de que llegue a la aldea es mayor aún.

Siempre comento a mis hermanos que un día nuestro hijos van oír relatos sobre el año 2020, el año en que el mundo se paró. Con la llegada del COVID-19 muchos parientes que viven en la ciudad de Oiapoque dejaron sus casas y partieron para aislarse en sus aldeas, pero sus casas están siendo invadidas y sus pertenencias robadas.

Ese es otro problema de los indígenas. Comencé a ver los telediarios todas las noches y había noches que ni dormía, aquellas noticias me sorprendían. Hoy solo pienso en mantenernos apartados de todos los parientes, amigos, vecinos como forma de proteger mi familia y la de los próximos también.

Oiapoque, Amapá, Brasil – 24 de mayo de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu.



  137

14 comentários 34 compartilhamentos

 Curtir

 Comentar

 Compartilhar